

Glossário: Saberes e Resistências

Contextualizando Conceitos

**CULTURA, COLONIALIDADE,
DECOLONIALIDADE E MOVIMENTOS
SOCIAIS**

Expediente Técnico

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO
CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA - PPGICAL**

ORGANIZAÇÃO:

MARTA HELENA SSZADKOSKI

ALESSANDRA DE SANT'ANNA

JOSELAINE RAQUEL DA SILVA PEREIRA

COLABORADORES:

GERSON GALO LEDEZMA MENESES

SENILDE ALCANTARA GUANAES

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: AUTORAS

SOFTWARE: CANVA

ILUSTRAÇÕES: CANVA

ISBN: 9786501710389



Apresentação

“A gente combinamos de não morrer” Conceição Evaristo

Durante o segundo semestre de 2024, pudemos aprender como precisamos avançar na problematização de palavras que usamos em nosso cotidiano, mas que carecem de maior compreensão e crítica, se queremos uma sociedade mais justa socialmente.

O “Glossário Saberes e Resistências. Contextualizando conceitos” emerge como um recurso pedagógico, posicionado ética e politicamente desde a história dos territórios latinoamericanos e alinhada à missão e vocação da Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila) e tem como finalidade a aproximação entre o conhecimento acadêmico e os saberes presentes nas comunidades.

O material tem uma dupla função: contribuir para o fortalecimento da comunidade interna, posto que recebemos alunos de diferentes lugares, com formações diferentes e histórias de vida as mais diversas e temos a necessidade de ter uma linha de base do que pretendemos ser como corpo social; e colaborar com a comunidade externa, como escolas, movimentos sociais e redes socioterritoriais que atuem na perspectiva de horizontalização das relações e inclusão social.



O “Glossário Saberes e Resistências. Contextualizando conceitos”, foi, produzido por pesquisadoras do Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), está disponível no portal virtual História em Foco.

Este glossário aborda conceitos fundamentais para entender as dinâmicas de poder e resistência que moldam as sociedades contemporâneas, especialmente na América Latina. Nosso desejo é que você goste do material e que ele seja útil para a sua vida, sua família, sua comunidade e movimento social. O sucesso de nossa proposta depende de você colocá-la em prática. Vamos à ação?





A - B

1



C

2



D

4

E - I

5



L - P

7



R

8

S - T

8



REFERÊNCIAS

11



SOBRE AS AUTORAS

14

Abya Yala

Abya Yala é um termo de origem indígena, usado pelos povos Kuna do Panamá e da Colômbia, que significa "terra madura" ou "terra em florescimento". É uma expressão que se refere ao continente que hoje chamamos de América e carrega significados profundos de identidade, ancestralidade e autonomia. Ao contrário dos nomes europeus impostos, como América ou Novo Mundo, "Abya Yala" evoca o território como um espaço historicamente habitado e cuidado por povos originários, que possuem suas próprias culturas, línguas, conhecimentos e modos de organização social.

O conceito foi amplamente promovido por líderes e movimentos indígenas, especialmente durante o século XX, como uma forma de resistência e afirmação cultural, rejeitando a visão colonial e eurocêntrica sobre o continente. Adotar "Abya Yala" não é apenas uma escolha linguística, mas também um posicionamento político e filosófico que busca descolonizar o pensamento e valorizar os saberes ancestrais. Essa perspectiva reivindica a visão de que o território e sua história pertencem aos povos originários e que a riqueza cultural e a pluralidade dos conhecimentos nativos devem ser reconhecidas e preservadas. Abya Yala configura-se, portanto, como parte de um processo de construção político-identitário relevante de descolonização do pensamento e que tem caracterizado o novo ciclo do movimento dos povos originários.

A compreensão da riqueza dos povos que aqui vivem há milhares de anos e do papel que tiveram e têm na constituição do sistema-mundo tem alimentado a construção desse processo político-identitário.

Ancestralidade

Ancestralidade: Conexão viva e contínua com os conhecimentos, práticas, valores e memórias transmitidos por gerações anteriores. No contexto da decolonialidade, representa a valorização dos saberes tradicionais, frequentemente silenciados por processos coloniais, e atua como fundamento para resistências culturais e epistemológicas. A ancestralidade é central nos movimentos sociais de povos indígenas, afrodescendentes e comunidades tradicionais, pois reforça identidades coletivas, reivindica direitos territoriais e culturais, e promove um diálogo interepistêmico essencial para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.



Buen Vivir

De acordo com Acosta (2016) a filosofia do “Buen Vivir” (em português “Bem Viver”) é um caminho em construção, fundamentado na solidariedade entre os seres humanos e a natureza, o qual já é uma realidade em determinadas culturas ao redor do mundo. O Bem Viver, além de uma declaração constitucional e um conceito em construção, significa uma oportunidade para se desenvolver coletivamente uma nova forma de organizar o modo de viver no mundo.

Campesinato

Este termo refere-se ao conjunto dos grupos rurais, conhecidos tradicionalmente como camponeses, que preservam tradições e modos de vida relacionados ao campo, à floresta ou às águas. Atualmente, muitos preferem se autodenominar a partir da atividade principal desenvolvida pelo grupo, por exemplo: agricultores(as), pescadores(as), quebradeiras de coco, marisqueiras(os), etc.

Colonialismo

O colonialismo, em sua essência, foi um período histórico derivado do processo de expansão territorial marcado pelas navegações e descobertas de novos continentes. Contudo, esse processo configurou a dominação de determinados países sobre outros, mais precisamente, o domínio das metrópoles sobre às colônias, estabelecendo uma relação de superioridade dos povos colonizadores.

Colonialidade

A colonialidade é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser.

Colonialidade do Poder

A colonialidade do poder, um conceito de Aníbal Quijano, revela que o domínio europeu e a estruturação de um sistema de exploração econômica e opressão racial perpetuaram-se, mesmo após as independências.

Este conceito é fundamental para entender as atuais desigualdades na América Latina.

A ideia de Colonialidade do Poder está diretamente relacionada a globalização. Este fenômeno emergiu, essencialmente, do processo de constituição da América e da propagação do capitalismo eurocentrado, tendo como padrão de poder a classificação por raça (Quijano, 2005)

A colonialidade do poder é complexa e envolve um conjunto entrelaçado de domínios sobre diferentes níveis de controle como a economia, a autoridade, a natureza/recursos naturais, sobre o gênero e a sexualidade e sobre as subjetividades e o conhecimento.



Colonialidade de Gênero

Desenvolvido pela pensadora decolonial e feminista María Lugones a partir dos conceitos da colonialidade do poder, do ser e do saber. Segundo Lugones, o 'gênero', para além de uma perspectiva binária e excludente, é uma categoria construída pela sociedade moderna/colonial com base em diferenças biologizantes. Tal categorização foi imposta pelo colonialismo – e reiterada pela colonialidade – nos territórios invadidos para hierarquizar posições e colocar mulheres em posição de inferioridade na lógica binária ocidental de gênero.

Colonialidade do Saber

Trata-se de uma geopolítica do conhecimento. De acordo com Quijano, é uma das dimensões da colonialidade do poder que não reconhece como legítimas outras elaborações ou matrizes epistemológicas que não reproduzem o padrão eurocêntrico.

Colonialidade do Ser

Do mesmo modo que a colonialidade do saber, a colonialidade do ser carrega um componente geopolítico que envolve o encobrimento de linguagens, subjetividades e conhecimentos subalternos.

Nas palavras de Grosfoguel (2007, p. 64), a colonialidade do ser faz referência a uma “filosofia na qual o sujeito epistêmico não tem sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder, e produz a verdade desde um monólogo interior consigo mesmo, sem relação com ninguém fora de si. Isto é, trata-se de uma filosofia surda, sem rosto e sem força de gravidade”.

Contra-colonial

Utilizado principalmente pelo pensador quilombola Nego Bispo, faz referência às ações contrárias às tentativas coloniais, que nunca tiveram sucesso total entre os povos quilombolas, indígenas e outros.

Essas ações se baseiam na prática em vez da teoria, e possuem o objetivo de preservar as formas de vida tradicionais a partir da resistência contra as imposições coloniais.

Corpo-território

Criado e utilizado pelas mulheres indígenas do Feminismo Comunitário da Guatemala, expressa a conexão entre os corpos e os territórios, destacando que o que afeta o território também afeta o corpo, e vice-versa.



O que é cultura?

Cultura é o conjunto dinâmico de práticas, valores, crenças, símbolos, conhecimentos e expressões que configuram a forma como grupos humanos compreendem, interpretam e transformam o mundo ao seu redor. A cultura é resultado de processos históricos, sociais e políticos, estando em constante (re)construção por meio das interações entre os indivíduos e suas coletividades.

No contexto da colonialidade e da decolonialidade, a cultura é também um campo de disputa, onde hegemonias buscam impor modelos únicos de pensar e viver, enquanto grupos subalternizados resistem, reivindicando a valorização de suas identidades, saberes e cosmologias.

Essa definição destaca a importância da diversidade cultural como forma de contestar o eurocentrismo e promover o diálogo intercultural como caminho para um mundo mais justo e plural.

Decolonialidade

Proposta teórica da América Latina para a América Latina, que critica o eurocentrismo do debate pós-colonial e busca se libertar das atuais dominações coloniais. Denuncia que a colonialidade é a outra face da modernidade, que opera às escuras e permite a manutenção do padrão mundial de poder.

O conceito de decolonialidade surge como uma proposta para enfrentar a colonialidade e o pensamento moderno, principalmente através dos estudos do grupo MCD (Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade) compostos por estudiosos como Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh, Edgard Lander (2005), Enrique Dussel (2000), Nelson Maldonado-Torres (2017) e Walter Dignolo.

Democracia Racial

É um mito criado na ideia de individualização do racismo e na compreensão de que ele seria algo intencional e arbitrariedade de pessoas específicas. Trata-se de um mito por desconsiderar os determinantes institucionais, estruturais e culturais que marcam o processo de construção das sociedades, inclusive os sucessivos ciclos de embranquecimento da sociedade e dos ciclos higienistas a que os territórios foram submetidos. Retomando o pensamento de Lélia Gonzalez, traz o racismo por denegação como base conceitual para contrapor a ideia de desconsiderar a dimensão comportamental do racismo enquanto produtor do racismo para além dos atos materiais que produz.



Dispositivos de Racialidade

Nas palavras de Sueli Carneiro, os dispositivos de racialidade constituem o arcabouço meios sob os quais o racismo penetra no tecido social, seja por meio de discursos, práticas organizações arquitetônicas, leis, decisões, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, moral e filantrópicas que reafirmam o biopoder e o controle dos corpos referenciados pelo padrão branco.

Conhece o termo
Escrevivência?

Escrevivências

Escrevivência é um termo criado pela escritora e educadora Conceição Evaristo para descrever a escrita que surge do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida da autora e do seu povo. A palavra é uma junção de "escrever" e "vivência"

Dororidade

É um conceito cunhado por Vilma Piedade para descrever uma perspectiva filosófica que parte da dor advinda de duas formas de discriminação que se interseccionam: raça e gênero. A palavra dororidade remete ao termo sororidade, conceito feminista relacionado à união e aliança entre as mulheres, mas seus conceitos são distintos. A dororidade parte, justamente, da necessidade de se fazer uma análise interseccional das opressões que atingem mulheres negras, pois estas sofrem as consequências do racismo e do machismo ao mesmo tempo. A dororidade se relaciona à sororidade no sentido que contém as dores provocadas pelo machismo, mas vai além, pois abarca ainda "a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo", conforme descreve Vilma Piedade. Portanto, a sororidade é insuficiente para descrever a dor de mulheres negras.



Epistemicídio

Aniquilamento da sabedoria de grupos não-ocidentais. Projeto político que busca a destruição de conhecimentos, vivências, saberes e culturas de povos subjugados com a imposição do embranquecimento cultural.

Eurocentrismo

O Eurocentrismo é um termo utilizado para designar a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo. Na análise decolonial, o eurocentrismo é visto como um pilar do sistema colonial e uma das bases da colonialidade do poder e do saber.

Etnocentrismo

Crença na superioridade de uma raça ou de uma cultura própria; maneira de perceber as pessoas pertencentes ao próprio grupo cultural como superiores às não pertencentes.

Especismo

O especismo é a prevalência da espécie humana sobre as demais. No especismo, a ausência de uma relação de respeito e complemento entre a humanidade e a natureza estabelece um ciclo predatório caracterizado pela crueldade e exploração.

Feminismo Decolonial

Corrente de pensamento que busca relacionar questões de gênero, sexualidade e raça, a partir de um olhar do Sul Global. Enxerga-se que a colonialidade do poder opera dentro de um sistema moderno colonial pautado por hierarquias de gênero.

Giro Decolonial

O Giro Decolonial foi resultado de um programa de investigação desenvolvido pelo Grupo Modernidade/Colonialidade que inseriu a América Latina no debate colonial por meio de um diálogo entre Sul-Sul, ou entre palavras, entre os territórios colonizados a partir de 1492, momento em que se configura de modo mais claro a dinâmica de poder capitalista. Não se trata apenas de um termo elaborado por Maldonado Torres, mas um movimento de resistência epistemológico, teórico, prático e político à dinâmica do moderno colonial.

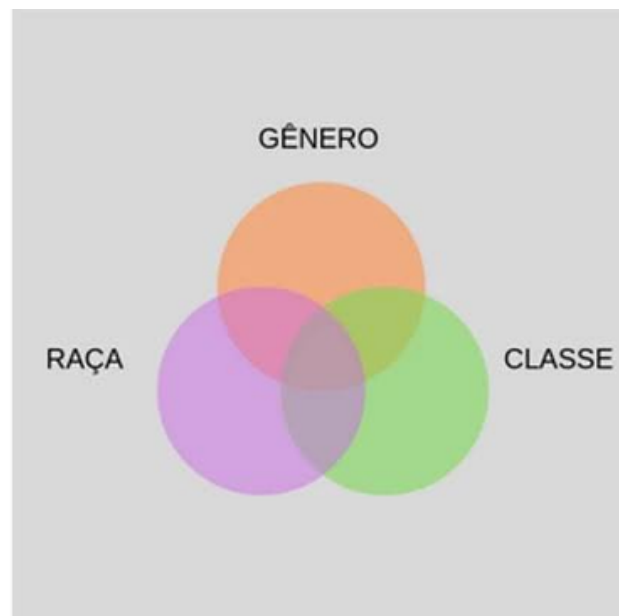


VOCÊ SABE O QUE É
INTERSECCIONALIDADE?

Interseccionalidade

O conceito de interseccionalidade foi sistematizado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw, e inaugurado por ela em artigo publicado em 1989, Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)



Imperialismos

Conjunto de políticas autoritárias e expansionistas que visa a dominação territorial, cultural, política e econômica de um império sobre outros territórios. Inerente ao sistema capitalista, utiliza o colonialismo como uma das ferramentas para a exploração dos povos subjugados.

Letramento Racial

Reflexão crítica que leva em conta a raça como um marcador de diferença desde uma abordagem seccional, o que permite acionar um conjunto de marcadores sociais e sua relação com as identidades. Possibilita a expansão do processo reflexivo de modo a problematizar as construções sociais em sua historicidade e na relação com privilégios entre grupos e pessoas. Sob a ótica da complexidade permite releituras de práticas cotidianas bem como a emergência de discursos dados como válidos os quais (re)afirmam verticalidades.



Linguagem

A linguagem permite tanto o enunciado de epistemologias de poder quanto contrapô-las. Walter Mignolo destaca que, ela possibilita que os sujeitos, a língua, a cultura e a identidade se convertam em construções sociais e, em “verdades” que atravessam o espaço cotidiano e podem se converter em marcadores sociais da diferença e desigualdade. A linguagem é o principal vetor de colonialidades porque por meio dela se difunde a ideologia. É na soma entre os saberes dos sujeitos e o conhecimento e a compreensão acadêmica que possibilita novas perspectivas e uma linguagem integradora.

Lugar

O lugar, segundo Arturo Escobar, tem especial importância nas discussões sobre cultura, meio ambiente e desenvolvimento do mesmo modo que na discussão sobre política, conhecimento e identidade. O lugar tem relação com pertencimento, com redes e modos de vida que carregam história, ação humana e saberes próprios de suas populações, experiências e tradições. A perspectiva de lugar tem relação com os agentes sociais que a ele fazem referência podendo ser concebido como um projeto portador de novos paradigmas sustentado pelos movimentos sociais, pela cultura na defesa de seus saberes e fazeres.

Memória

A memória possui uma natureza coletiva podendo ser compartilhada e dinâmica, cabendo resignificação e compartilhamento de vivências e experiências passadas e inscritas em um período de tempo.

Memória Cultural

A memória é a capacidade de registrar, conservar e recuperar experiências e informações, desempenhando um papel central na construção da identidade individual e coletiva. Ela envolve não apenas o processo de lembrança, mas também a forma como o passado é reconstituído e reinterpretado ao longo do tempo, seja por meio de narrativas pessoais ou coletivas. Na antropologia, a memória é frequentemente associada à preservação de saberes tradicionais e à transmissão de valores culturais, sendo essencial na resistência a processos de apagamento cultural e na afirmação de identidades históricas e culturais.

Monocultura mental

Conceito criado pela indiana Vandana Shiva, para reforçar a ideia de que o modelo de produção agrícola baseado na monocultura se instaura juntamente com a imposição de uma monocultura mental, ou seja, uma cultura e um pensamento únicos e homogêneos.



Movimentos Sociais

Organizações coletivas que emergem da mobilização de grupos em torno de interesses, valores ou causas comuns, visando transformações sociais, políticas ou culturais. Esses movimentos desafiam estruturas de poder, questionam desigualdades e propõem alternativas por meio de práticas de resistência e solidariedade. No contexto da decolonialidade, os movimentos sociais frequentemente articulam críticas ao colonialismo, ao racismo e às formas de exploração impostas por sistemas hegemônicos.

Pachamama

Significa Mãe Terra em Quechua. Representa a ideia dos povos originários andinos de conexão com a terra, o território e a natureza, enxergando a Terra como uma mãe que nos cuida e provê alimentos e recursos necessários para a manutenção da vida humana e dos outros seres.

Poder

Norberto Bobbio conceitua poder como possibilidade de agir de modo a produzir efeitos. Enquanto exercício de poder ou ação pode estar vinculada a sujeitos, grupos e fenômenos naturais. Enquanto poder social, se inscreve o campo das relações e articula ação e determinação entre pessoas e grupos; entre grupos e grupos; entre Estado, dinâmicas sociais e territórios; e entre mercados, Estados e territórios. Sob este aspecto temos sujeitos e objetos de poder construídos no campo social e mediados pela cultura e linguagem.

Povos e Comunidades Tradicionais

Grupos culturalmente diferenciados que possuem formas específicas de organização social, práticas produtivas e saberes relacionados à interação com seus territórios e com a natureza. Esses povos mantêm uma relação intrínseca com suas tradições, costumes e espiritualidades, que são fundamentais para sua identidade coletiva e para a preservação da biodiversidade e da memória cultural.

Raça

Marcador de diferença social colonialmente instituído e bem determinado que garante ao branco europeu superioridade sobre os povos nativos e africanos que passam a ser tidos como inferiores em uma suposta hierarquia eurocentrada.

Segundo Fanon, esses padrões estabelecem não apenas critérios para o uso dos espaços, mas o que se configuram como necessidades fundamentais de existência. Grada Kilomba diz tratar-se de uma aniquilação de outras formas de existência por meio da imposição de princípios que são éticos, políticos, culturais e estéticos auto referenciados pelos europeus. No último nível posicionam-se os países de periferia, que são responsáveis pelo fornecimento de matérias primas e commodities ou dedicados à fabricação de bens de baixo valor agregado.



Racialidade

A racialidade integra a estrutura e a forma social da dinâmica racial brasileira desde sua organização e hierarquia e, por este motivo, se apresenta como um vetor do racismo.

Racismo Ambiental

Criado por Benjamin Franklin Chavis Jr. para denunciar a influência do racismo estrutural nas consequências dos desastres e crimes ambientais, pois na maioria das vezes as zonas de sacrifício e degradação ambiental relacionadas a megaprojetos de desenvolvimento, e as mais afetadas em casos de desastres e crimes, são áreas onde a maior parte da população é negra, indígena ou de grupos socialmente marginalizados.

Racismo Epistêmico

Discriminação estrutural que subordina e silencia formas de conhecimento e epistemologias não ocidentais, privilegiando a ciência eurocêntrica como a única narrativa legítima. Esse conceito, abordado por pensadores decoloniais, evidencia como os saberes tradicionais, indígenas e afrodescendentes são marginalizados no campo acadêmico e político, perpetuando desigualdades e a exclusão epistemológica.

Saberes Tradicionais

Conjunto de conhecimentos acumulados e transmitidos por gerações, geralmente de forma oral, por comunidades e povos tradicionais. Esses saberes estão profundamente enraizados em práticas culturais, relações com a natureza e experiências cotidianas, englobando aspectos como medicina tradicional, manejo sustentável de recursos naturais, espiritualidades e formas de organização social. São essenciais para a diversidade cultural e para a sustentabilidade, oferecendo alternativas ao pensamento hegemônico.

Sistema Mundo

O sistema mundo é uma conceituação de Immanuel Wallerstein para quem o sistema capitalista possui uma estrutura internacional que parte da relação entre três entes hierárquicos: centro, semiperiferia e periferia. No primeiro nível, os países de centro dedicam-se à produção de mercadorias com um alto valor agregado, os No nível intermédio, estão os países da semiperiferia que atuam tanto como centro quanto como periferia, o contexto e as dinâmicas de poder indicam o seu posicionamento.



No último nível posicionam-se os países de periferia, que são responsáveis pelo fornecimento de matérias primas e commodities ou dedicados à fabricação de bens de baixo valor agregado. A dinâmica desigual entre os países cria uma relação estrutural de dependência em que ocorre uma forte subordinação financeira dos países periféricos em relação aos do centro.

Tradição

Tem relação com a identidade e sociabilidade de uma comunidade ou grupo, preservando e fortalecendo a história, os saberes e fazeres a partir de uma base comum e vivenciada coletivamente. Na tradição de manifestam a identidade e a coesão de um grupo ou uma comunidade. Por meio dela preservamos a história, os valores bem como os laços de pertencimento de uma comunidade ou sociedade. Tradição cultural é o conjunto de costumes, crenças, práticas e valores que são transmitidos entre gerações de uma comunidade ou sociedade. A tradição envolve o sistema de costumes, crenças, práticas e valores cuja transmissão acontece ao longo das gerações.

Territorialidade

Relação simbólica, histórica e política entre os povos e seus territórios, compreendida como um espaço não apenas físico, mas também cultural e espiritual. A territorialidade envolve o direito de acesso e uso dos recursos naturais, a manutenção das práticas culturais e a resistência contra ameaças externas como grandes

empreendimentos econômicos, que desconsideram os modos de vida tradicionais. No contexto dos povos indígenas e comunidades tradicionais, é um conceito central para a luta pela autodeterminação e preservação de suas identidades.

Território/Território Usado

O território deriva da ação social sobre o espaço, o que inclui uma dimensão tanto histórica quanto cultural. Pode ser abordado desde sua totalidade quando se observam as vivências e formas que ele comporta, neste sentido, assume a forma de território usado. Para Milton Santos, o uso e a apropriação do território por diferentes agentes expressa relações de poder que são tanto materiais quanto simbólicas, tanto econômicas quanto políticas.

Vivência

Instrumento para reconhecimento de valores, identidades e tradicionais, a memória Cultural se inscreve no campo simbólico. São materializada nos modos com que as pessoas, grupos e comunidades fazem, cantam, cultuam, dançam, pintam, tecem, etc. . Memória cultural permite conhecer o passado, pensar o presente e construir o futuro.



REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- ANZALDUA, Gloria. Falando em linguas. Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. mundo. Estudos Feministas, nº01, 2000.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Ensaios Filosóficos, Volume XIV– Dezembro/2016.
- BOBBIO, Norberto. et al. Dicionário de política. Brasília - DF: Editora da UNB, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023
- CESAIRE, Aime. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977.
- CRENSHAW, Kimberlé. Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Estudos Feministas, 1/2002.
- CUCHE, Denis. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru-SP: Editora EDUSC, 1999.
- DAVIS, Angela. Mulheres, classe e raça. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE LA CADENA, Marisol. Política Indígena: Una análisis más allá de la 'política'. (http://www.ramwan.net/old/documents/05_e_Journal/journal4/5.%20marisol%20de%20la%20cadena.pdf)
- DO BOIS, W. E. B. Las almas del pueblo negro. Madris: Capitão Swing, 2020.
- DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do outro. A origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FANON, FRANTZ. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. Em defesa da revolução africana. Lisboa: Sa da Costa Editora, 1980.
- FANON, Frantz. Condenados da Terra. México: FCE, 1983.
- GRIMSON, Alejandro; BIDASECA, Karina (orgs). Hegemonía cultural y políticas de la diferencia. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2013.
- HIILL COLINS. Patricia & BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2020.
- hooks, bell. Acaso no soy yo una mujer?. Bilbao: CONSONNI, 2020
- hooks, bell. Tudo sobre o amor. Novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.



REFERÊNCIAS

- MACAS, Luis Fernando. La necesidad política de una reconstrucción epistémica de los saberes ancestrales. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Pueblos indígenas, estado y democracia. Argentina: Clacso, 2005.
- MAMDANI, Mahmood. "Darle sentido histórico a la violencia política en el África poscolonial". ISTOR, Año IV, Núm. 14, 2003.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, n. 32, dezembro de 2016.
- MBEMBE, Achille. Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África descolonizada. Edições Pedagogo, Luanda, 2014.
- OCHY, Curiel. Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antiracista. Nómadas, n° 26, 2007.
- OYĖWŪMÍEN, Oyèronké. La Invención de las Mujeres: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia: Editorial en la frontera, 2017.
- PAREDES CARVAJAL, Julieta. Descolonizar las luchas: La propuesta del Feminismo comunitario. Mandrágora, v.24. n. 2, 2018.
- PEREIRA, Joselaine R. S.. Agrossabedorias: mulheres da terra em Abya Yala / Joselaine Raquel da Silva Pereira. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2022. 94 p. ; 21 cm. - (Ciências Sociais - Seção História). ISBN: 978-65-250-2385-4.
- PEREIRA, Joselaine R. S.. Pedagogia da floresta: agrossabedorias como propostas de insurgência de mulheres em Abya Yala. 146p. (e-book) ISBN: 978-65-89500-58-2.
- RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. SUR 24 - v.13 n.24, 2016.
- RIVERA, Cusicanqui, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- RUFER, Mario. Nación y condición poscolonial: sobre memoria y exclusión en los usos del pasado. BIDASECA, Karina (org.). Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO e IDAES, 2016.
- SAID, Edward W. .Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SEGATO, Rita Laura. La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- SILVA ZAPATA, Claudia. Identidad, nacion y territorio en la escritura de los intelectuales mapuches. Revista Mexicana de Sociología 68, n. 3, julio-september, 2006.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-46>.



REFERÊNCIAS

SVAMPA, Maristella. Movimientos Sociales, matrices socio-políticos y nuevos escenarios en América Latina. Working Papers, nº1, 2010.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado. Poder e a produção da história. Curitiba: Huya, 2016.

QUIJANO Anibal. Cuestiones y horizontes. De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

QUIJANO, Anibal. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. Estudos Avançados: USP, 6 (16), 1992.

WAGNER, Roy. A Invenção da Cultura. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análisis de sistemas-mundo. México: Siglo XXI, 2005



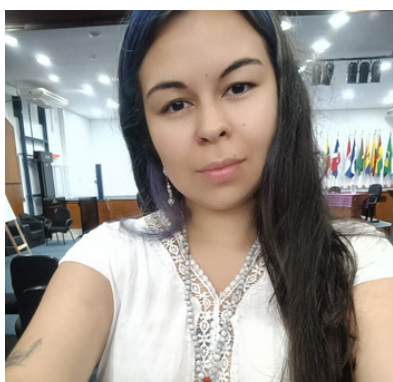
SOBRE AS AUTORAS

Marta Helena Szadkoski



Secretaria Executiva na Universidade Federal da Integração Latino Americana. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), IFPR - Campus Curitiba. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da UNILA.

Joselaine Raquel da Silva Pereira



Ativista, escritora e pesquisadora. Doutoranda em Integração Latinoamericana, mestra em Estudos Latinoamericana e bacharel em Antropologia, ambos pela UNILA.

Alessandra de Sant'Anna



Mulher Negra Latinoamericana. Assistente Social (ESS/UFRJ). Gerente de Projetos para Desenvolvimento (ESALQ/USP; Project Pro/PM4NGOs). Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento na América Latina, com ênfase em Estratégias de Desenvolvimento (PPGPPD/UNILA). Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Planejamento, Meio Ambiente e Tecnologias (PPGPUR/IPPUR/UFRJ). Doutoranda em Integração Contemporânea na América Latina, com ênfase em Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais (PPGICAL/ILAESP/UNILA). Apoiadora da Associação Comunitária Indígena Ocoy (ACICO) e do Conselho Nacional das Mulheres Indígenas (CONAMI).



